

Silvino – Crónica dos Bons Malandros, Mário Zambujal

Ao que constava da memória da família, o primeiro roubo de Silvino foi a chupeta do irmão gêmeo.

[...]

O professor de Francês era bruto. E logo à segunda aula, só porque Silvino quis brincar aos siameses pregando os dois fulanos da frente com um alfinete-de-ama, berrou-lhe em português e do mais ordinário [...]

Não se diz. Mas como o disse ficou sujeito à vingança de Silvino.

Uma manhã chega-se à escola e, ó espanto dos espantos, indecifrável mistério: desaparecera a porta da casa de banho das raparigas! Foi, todo o dia, um pagode, um rebuliço. As meninas, coitadinhas, andavam apertadas sem poder fazer chichi, os galfarros gozando à bruta, os professores reunidos de emergência, destacamentos de pesquisa por tudo o que era canto, porta se a viste.

No dia seguinte a directora recebeu uma carta horrível e anónima, dizia-se de uma vizinha do professor de Francês, vira-o chegar de madrugada com uma grande porta azul debaixo do braço. Chamou a directora os professores todos, o de Francês não estava, «vamos lá!», disseram os outros, e foram mesmo, um pelotão de professores a caminho de casa do professor de Francês.

A maltosa montara guarda sob o comando de Silvino, «onde é que eles vão, bora também!», guardaram as distâncias, uns vinte metros, eram mais de cem na cola dos mestres, aí uns dez. Correram estes a tocar ao portão, encostou-se a tropa toda ao jardim, e logo se ouviu um gritinho, ninguém poderia mais tarde jurar que fora a voz de Silvino, nem o dedo de Silvino apontando para o canteiro das hortênsias: «Olha a porta! Olha ali a sacana da porta!»

Um pasmo colectivo. Todos os olhos se estamparam de encontro à porta azul da casa de banho das raparigas, semioculta entre hortênsias no jardim do professor de Francês.

O homem veio e não percebia coisíssima nenhuma, mirado e remirado num silêncio cruel de ouvir. Silêncio cortado por um dos patifório – seria a mesma voz - «oh sotôr, tirou a porta para ver o quê?», e a malandragem toda na galhofa, «para ver o quê, sotôr?», «o sotôr queria ver alguma coisa?», até que a directora, auxiliada pelo professor de Ginástica, os enxotou para o fim da rua.

O professor de Francês fez um grande escarcéu, a directora decidiu que não lhe cumpria decidir, assunto de Polícia, a Polícia tomou conta da ocorrência, o professor de Francês jurou que ia continuar com as aulas, a directora disse que sim senhor, lá por ela, e até à conclusão das investigações, o professor de Matemática lembrou que carta anónima não era prova, «só é infâmia», acrescentou a professora de Físico-Química, Lourenço, o contínuo, meteu-se no debate, a porta estar nas hortênsias também não queria

dizer pescoço, qualquer um a poderia ter levado – mas quem?, mas quem?, perguntaram todos -, isso é que Lourenço contínuo não sabia, vá lá uma pessoa adivinhar.

Voltou o professor de Francês, mas já não tinha hipóteses: os tratantes não largavam, o «sotôr queria ver o quê?», no corredor, no pátio, na sala, dez mil vezes por dia, «queria ver alguma coisa, sotôr?», no tableau noir aparecia escrito la porte, em grandes letras, o professor de Francês teve um ataque, partiu o tableu noir à cacetada, acudiu a directora, o professor de Francês mandou-lhe duas biqueiradas às jambes, depois tirou um tubo de comprimidos da serviette e engoliu-os todos de uma vez, levaram-no para o hospital onde foi lavado por dentro, ficou três dias a enxugar, a directora veio de visita e coxeava, o professor de Francês chorou, pediu muitas desculpas e a transferência para não menos de duzentos quilómetros de distância – no que foi atendido.

Mário Zambujal, *Crónica dos Bons Malandros*, **Silvino**